

Neste caso já não para o Dr. Fernando Montesinos, mas para a Casa Montesinos que funcionou mesmo depois da fuga do casal para Bayonne. Foi Francisco que conduziu o seu irmão Rafael para dentro do negócio onde ocupou o lugar de caixeiro. Em meados dos anos 50, Francisco Duarte Mendes acompanhou o Dr. Fernando Montesinos e a sua esposa, Serafina de Almeida Bayone quando estes se viram obrigados a fugir da inquisição de Cuenca.

O Mais Antigo Vestígio Judaico na Península Ibérica¹

Graça Cravinho

(Doutoranda em Arqueologia e História da Antiguidade,
na Universidade de Santiago de Compostela)

São bastante antigas as referências literárias à riqueza da Península Ibérica (em especial às da *Andaluzia*) que a ela atraíam povos longínquos. Dos seus metais preciosos nos falam crónicas de viajantes orientais. Às naves de Tarschisch se refere a Bíblia.

Mas, quando situar exactamente a vinda dos Judeus? Se eliminarmos a lenda que a faz remontar à época de Nabucodonosor, rei dos Caldeus (Séc. VI a.C.), teremos que, forçosamente, cingir-nos aos documentos escritos e aos vestígios materiais. De facto, já Lucien Febvre afirmava: “A História faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando os há. Mas pode fazer-se, deve-se a todo o custo tentar fazê-la sem documentos escritos, caso eles não existam. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar (...). Com palavras, sinais, paisagens e telhas (...). Numa palavra, com tudo o que sendo do Homem, serve o Homem, significa a presença, a actividade, as preferências e as maneiras de ser do Homem”.

Ora, entre esses vestígios materiais que nos atestam a remota presença judaica no actual território português, há uma pequenina peça glíptica, encontrada nas ruínas da cidade romana de Ammaia (em pleno Alto-Alentejo, não longe de Marvão), datável do Séc. II d.C. Neste caso, o que nos permite “fazer História” é o seu estudo iconográfico e a técnica de gravação.

¹ Conferência proferida pela autora no “6.º ENCONTRO CULTURAL SAM LEVY”, no dia 21 de Novembro de 2004.

Mas, o que é uma peça glíptica?

A palavra **Glíptica** deriva do verbo grego *gluptw*, que significa a arte de gravar pedras duras (isto é, gemas) por incisão (no caso dos **entalhes**). Mais tarde, porém, viria também a designar o trabalho de desbaste, em camadas, das pedras policromas (como a ágata, o ónix e o sardónix) de modo a fazer sobressair as figuras talhadas em relevo (no caso dos **camafeus**)².

Objectos pequeníssimos e de trabalho minucioso, entalhes e camafeus são hoje elementos arqueológicos importantíssimos: quer para a reconstituição de rotas comerciais quer para o conhecimento da espiritualidade e do nível sócio-económico e cultural dos povos que os usaram, nas mais diversas e longínquas regiões do Império Romano em que têm sido exumados.

Os temas que ostentam constituem o maior repertório artístico romano: cópias de grandes obras-primas da escultura clássica; cenas históricas, lendárias, mitológicas e da vida quotidiana; retratos; animais, plantas, objectos, símbolos, alegorias; máscaras, seres monstruosos e grotescos (*grylloï*) ou ligados à magia; inscrições – gravadas em positivo (com saudações dirigidas ao seu possuidor) ou em negativo (com o nome do artista ou do proprietário da gema, conferindo-lhe, neste caso, o carácter de sinete). É um vasto mundo iconográfico que podemos agrupar consoante a natureza dos temas, comuns, na sua maioria, à dos cunhos monetários (que, para além de um dado cronológico importantíssimo, nos permitem a identificação dos personagens retratados, sobretudo os de figuras políticas).

Na posse da Dr^a Delmira Maças que, gentilmente, nos facultou o seu estudo, este interessante e raro entalhe de *Ammaia* (fig. 1), que teria estado engastado num anel, dá-nos importantes informações³. E mais daria se tivesse sido encontrado em contexto arqueológico e não (como foi o caso) tivesse sido recolhido por um lavrador, num canal de rega.

Onde teria sido produzido? Localmente? Ou teria sido trazido

² Muito embora, entre os Gregos, houvesse já palavras distintas para os dois processos: *diaglyph* (diaglítica), para o entalhe, e *anaglyph* (anaglítica), para o camafeu.

³ Cumpre-me agradecer à Professora Doutora Shua Amorai-Stark, distinta arqueóloga israelita e especialista em Glíptica, toda a colaboração prestada na discussão dos entalhes que ora se apresentam.

de Israel, do Norte de África ou de Roma (onde existia a maior concentração de judeus), donde temos vários artefactos (embora não gemas) com a representação do *Menorah* e dos restantes símbolos e, nalguns casos, ainda a *Macheta* (incensório)?

Na opinião da arqueóloga israelita Shua Amorai-Stark, a simples presença do *Menorah*, parece demonstrar, só por si, se não a existência de uma comunidade judaica nesta cidade romana, pelo menos, a de um judeu, entre os séculos II e IV d.C.⁴ E isso porque os motivos gravados nas peças glípticas de época romana tinham sempre um significado especial para o seu portador: o seu deus protector (Júpiter, Minerva, Mercúrio), o animal que lhe estava associado e que o simbolizava (águia, coruja e galo, respectivamente), o seu herói preferido (Aquilas), a sua profissão (auriga, actor), a base da sua economia (espiga, bovídeo, caprídeo) ou as suas crenças (como o peixe e a âncora, em tempos e lugares em que o Cristianismo estava a implantar-se).

Custaria, portanto, a crer que esta pedra de anel tivesse sido usada por alguém que não professasse a religião judaica... Sobretudo porque, para além do *Menorah* (o candelabro do Templo de Salomão, que igualmente aparece em relevos⁵, mosaicos⁶ e moedas⁷), outros elementos de inegável simbolismo judaico estão representados:

- o *Shofar* (chifre de carneiro), que era tocado nas cerimónias do Templo, no Dia de Ano Novo (*Rosh Hashana*) e no Dia do Perdão (*Yom Kippur*);

- o *Ethrog* (limão), que é tido como um símbolo da fertilidade, já que a sua árvore produz fruto durante todo o ano e o seu órgão feminino (pittom ou stigma) permanece agarrado ao fruto mesmo depois de este ter sido apanhado e, nalguns casos, dele sai mesmo proeminentemente (o que mais reforça a sua simbologia). Por outro lado, por ter bom sabor e bom cheiro, representa a pessoa com sabedoria e boas acções;

⁴ E isso porque, no Séc. V, a Igreja proibiu o uso de muitos símbolos judaicos e pagãos nos objectos de adorno pessoal e sinetes

⁵ KOSHAV, p. 80; p. 217; p. 224

⁶ Idem, p. 218-219; p. 258

⁷ Idem, p. 58 (40 – 37 a.C.)

- o *Lulav* (palma), que era, tal como no mundo greco-romano, um símbolo da vitória (como a que os Judeus haviam obtido frente aos Gregos, segundo o Livro dos Macabeus). Motivo intimamente ligado ao Templo e, tal como o *Ethrog*, ao Festival de *Sukkot* (Festival dos Tabernáculos, que comemora os 40 anos durante os quais os filhos de Israel andaram perdidos no deserto), a palma aparece em artefactos posteriores ao Segundo Templo, sobretudo tardo-romanos e bizantinos: objectos em vidro e cerâmica, mosaicos e lucernas. Num sentido simbólico, ela oferece chaves importantes sobre o modo de alcançar a alegria através das relações humanas e, segundo os cabalistas, as suas quatro espécies representam as quatro espécies de judeus. Comestível mas sem cheiro, ela simboliza uma pessoa com sabedoria mas sem boas acções.

Porém, já no Séc. II e nos inícios do período bizantino, tanto o *Menorah*, como outros símbolos, personagens (como Salomão) e palavras de origem judaica (como IAW e IOW, usadas para reproduzir a palavra “Jehova”) aparecem em *abraxas* (amuletos)⁸ que não eram necessariamente usadas por Judeus... Contudo, a natureza da pedra dessas gemas mágicas é diferente: ou é jaspe (vermelho, verde ou sanguíneo) ou hematite ou lápis-lazuli ou, mais raramente, cornalina.

Estilisticamente, este *Menorah*, apoiado em três pés, com as suas velas acesas e o tronco e os sete braços lisos, sem qualquer decoração, tem paralelos em artefactos provenientes da necrópole de Beit Shearim (Israel), datáveis de finais do Séc. II ao Séc. IV d.C. Mas aparece também numa cornalina de finais do Séc. I-II d.C., encontrada em Aquileia (Itália) e actualmente no Museu de Viena, associado a outros objectos simbólicos.

Quanto à pedra utilizada (o *nicolo*), é uma gema opaca, constituída por uma camada de ónix azul-escuro, quase negro, sobreposta por uma ágata azul-clara ou acinzentada. Usada, em Glíptica, desde finais do Séc. I a.C., é a que predomina no Séc. II d.C. E perdurará ao longo de todo o Império, pelo belo efeito

⁸ MICHEL-ZAZOFF (British), n.ºs 472 (Séc. IV d.C.); 473 (moderna?)

decorativo proporcionado pelos seus dois tons. Contudo, o seu uso, em *Ammaia*, é já atestado no Séc. I d.C., por um anel em ouro, datável da primeira era imperial (período Tibério-Flávio), em cuja pedra engastada figura uma cabeça de criança, exactamente como num exemplar encontrado em Pompeia⁹.

Mas, e se num outro nicolo, igualmente encontrado em *Ammaia* (fig. 2), a lira gravada pudesse também conter um simbolismo judaico?

Segundo a mitologia grega, a invenção da lira é atribuída ao deus Hermes (Mercúrio, para os Romanos) que, na sequência do sacrifício de dois bois, ao regressar à caverna onde nascera (no Monte Cirene, no Sul da Arcádia), viu à sua entrada uma tartaruga. Decidiu, então, esvaziá-la e esticar, sobre a cavidade aberta da sua carapaça, umas cordas (provenientes dos intestinos dos bois). E, assim teria criado a primeira lira.

Motivo iconográfico já presente em escarabóides grego-persas¹⁰ e em cunhos glípticos e monetários de época romana (caso do reverso de moedas republicanas¹¹ e de Augusto), neles a lira aparece formada por uma carapaça de tartaruga, pelas cordas (supostamente feitas dos intestinos dos bois) e, nalguns casos, por dois golfinhos dispostos ao alto, de um e de outro lado¹².

Mas, também entre os Judeus, a lira (*Kinor*) constituiu um objecto cheio de simbolismo: era o tipo de harpa que o rei David tocava para o rei Saúl (para acalmar o seu espírito atormentado) e um dos instrumentos musicais usados no Templo para acompanhar o canto dos salmos.

Todavia, se observarmos com atenção, estilisticamente a lira gravada neste entalhe nada tem a ver com a que aparece em gemas e moedas romanas. Além do mais, a técnica de gravação indica ser obra da mesma oficina da outra que ostenta o *Menorah* – o que pode ser ainda mais significativo... E, se, de facto, ambas foram feitas na mesma oficina e/ou para a mesma comunidade, então a lira pode, efectivamente, representar a lira do rei David e em *Ammaia* haveria mesmo uma comunidade judia!

⁹ AMBRÓSIO-CAROLIS, p. 45, est. IX, n.º 99

¹⁰ HENIG (Fitzwilliam), n.º 59 (do Séc. V-IV a.C., sobreposta por uma ave)

¹¹ STERNBERG, n.º 214 (de c. 235 a.C.)

¹² GRAMATOPOL (Académie), n.º 629; CASAL GARCIA (Madrid), n.º 115; ZWIERLEIN-DIEHL (Wien III), n.ºs 2128-2129

Se bem que, por outro lado, esta lira possa ser a de Orfeu, que foi copiada na Arte Judaica nas representações de David. Uma *Kinor* semelhante aparece nas suas mãos no fresco da sinagoga Dura Evropus (de meados do Séc. III d.C.), em que David assume o papel de Orfeu tocando para os animais. E na cena de um mosaico da Sinagoga de Gaza (do Séc. IV d.C.), com a legenda “Rei David”, a lira que Orfeu segura, embora diferente, não foge muito a este tipo. Mas há que analisá-la mais detalhadamente.

Curiosamente, não se conhece nenhum artefacto em que a *Kinor* apareça como símbolo único e sem o nome do rei David associado. Mas, alguma vez teria que ser a primeira...

Por outro lado, ainda, é de excluir totalmente a possibilidade de estas gemas datarem da Renascença ou post-Renascença, porque, para além da técnica de gravação ser, incontestavelmente, antiga, a última coisa que um judeu faria nesse período seria ostentar publicamente símbolos que denunciasses a sua Fé...



Fig. 1



Fig. 2

DESCRIÇÃO DOS ENTALHES

Fig. 1

Natureza: nicolo

Cor: negro sobreposto por azul muito clarinho, quase cinzento

Forma: oval, com perfil de nicolo

Faces: planas

Dimensões: 12,3 mm x 10,8 mm x 3,7 mm

Estado de conservação: bom

Proveniência: *Ammaia* (Aramenha)

Paradeiro actual: colecção particular (Dr^a Delmira Maçãs)

COMBINAÇÃO SIMBÓLICA

Ao centro, um *menorah* de sete braços, aceso, apoiado numa base de três pés. A ladeá-lo, à direita, o *lulav* (palma) e, à esquerda, o *ethrog* (limão) e o *shofar* (chifre de carneiro).

Paralelos:

ZWIERLEIN-DIEHL (*Wien III*), p. 123, est. 68, n^o 2055 (*menorah*, ladeado por mesa de três pés, sobreposta por vaso, e uma videira)

Cronologia: Séc. II d.C.

Bibliografia:

NEVES, J. Conceição. *Uma Colecção Particular de materiais Romanos da Aramenna*. (Tese de Licenciatura não publicada), p. 90, n^o 18. Coimbra, 1971.

Fig. 2

Natureza: nicolo
Cor: negro sobreposto por azul-claro
Forma: oval, com perfil de nicolo
Faces: planas
Dimensões: 9,6 mm x 7 mm x 2,5 mm
Estado de conservação: bom
Proveniência: *Ammaia* (Aramenha)
Paradeiro actual: colecção particular (Dr^a Delmira Maçãs)

LIRA

Ocupando todo o campo da gema uma lira.

Paralelos:

BREGLIA (*Napoli*), p. 74, n^o 597
SENA CHIESA (*Aquileia*), p. 415, est. LXXVI, n^o 1508
MAASKANT-KLEIBRINK (*Haia*), p. 128, n^o 170
JOHNS (*Snettisham*), p. 94, n^o 219
AMBRÓSIO-CAROLIS, p. 46, est. X, n^o 106

Cronologia: Séc. II d.C.

Bibliografia:

NEVES, J. Conceição. *Uma Colecção Particular de materiais Romanos da Aramenha*. (Tese de Licenciatura não publicada), p. 90, n^o 17. Coimbra, 1971.

ABREVIATURAS E BIBLIOGRAFIA

AMBRÓSIO-CAROLIS A. d' Ambrosio – E. de Carolis (1997), *I Monili dall' area Vesuviana*. “L'Erma” di Bretschneider. Roma, 1997

BREGLIA (*Napoli*) L. Breglia (1941), *Catalogo delle Oreficerie del Museo Nazionale di Napoli*. Roma, 1941

CASAL GARCIA (*Madrid*) R. Casal Garcia (1991), *Colección de Glíptica del Museo Arqueológico Nacional (serie de entalles romanos)*, vols. I e II. Dirección General de los Museos Estatales. Madrid, 1991

GRAMATOPOL (*Académie*) M. Gramatopol (1974), “Les pierres gravées du Cabinet Numismatique de l'Académie Roumaine”. *Latomus*, vol. 138. Bruxelas, 1974

HENIG (*Fitzwilliam*) M. Henig, D. Scarisbrick e M. Whiting (1994), *Ancient and Modern Intaglios and Cameos in the Fitzwilliam Museum, Cambridge*. Cambridge University Press, 1994

JOHNS (*Snettisham*) C. Johns (1997), *The Snettisham Roman Jeweller's Hoard*. British Museum Press. Londres, 1997

KOSHAV S. Koshav (1995), *Splendour of the Holy Land*. Steimatzyk. Vercelli (Italia), 1995

MAASKANT-KLEIBRINK (*Haia*) M. Maaskant-Kleibrink (1978), *Catalogue of the Engraved Gems in the Royal Coin Cabinet – The Hague. The Greek, Etruscan and Roman Collections*. Haia, 1978

MICHEL-ZAZOFF (*British*) P. Zazoff et alii (2001), *Die Magischen Gemmen im Britischen Museum*. British Museum Press, London, 2001

SENA CHIESA (*Aquileia*) G. Sena Chiesa (1966), *Gemme del Museo Nazionale di Aquileia* (Testo e Tavole). Padova, 1966

STERNBERG F. Sternberg (1980), *Antike Münzen – Gemmen*. Zurich, 1980

ZWIERLEIN-DIEHL (*Wien III*) E. Zwierlein-Diehl (1991), *Die Antiken Gemmen des Kunsthistorischen Museums in Wien*, vol. III. Munique, 1991

Judeus em Angola - séculos XIX-XX

Aida Freudenthal

(Colaboradora do Centro de Estudos Africanos e Asiáticos do Instituto de Investigação Científica Tropical)

1. A diáspora sefardita

As referências encontradas em relatos de viajantes, nas listas de negociantes e exportadores inseridas em Anuários e nas lápides tumulares dão-nos conta de uma presença contínua de judeus sefarditas em Angola desde meados do século XIX, implicados na actividade mercantil, facto que despertou até agora pouco ou nenhum interesse dos historiadores.¹ Iniciámos a nossa pesquisa no sentido da identificação de indivíduos e famílias bem como das suas ocupações e locais de residência através do recurso a entrevistas feitas aos seus descendentes. Dados dispersos permitiram complementar a informação inicial e traçar alguns percursos considerados exemplares que esclarecem não apenas as condições favoráveis à imigração como os motivos que impeliam alguns indivíduos a buscar o seu sustento numa colónia tão distante dos seus países de origem. Apesar das lacunas existentes, o estado actual da pesquisa permite desde já captar sumariamente alguns traços distintivos da sua presença em Angola e formular algumas hipóteses de trabalho que cremos oportuno divulgar.

Pelo facto de se desconhecer a dimensão e composição da comunidade judaica em Angola nos últimos anos da Monarquia e durante a 1ª República, foi essa a primeira questão que

¹ Ver J. A. Levi (ed). *Survival and adaptation. The Portuguese Jewish Diaspora in Europe, Africa and the New World*. New York 2002; Primak, K. (ed). *Jews in Places you never thought of*. Hoboken 1998.